

O “OUTRO” DIVINO E A PERSONALIDADE DO ESPÍRITO SANTO: UMA ANÁLISE DE “ALLOS” NO EVANGELHO E NO APOCALIPSE DE JOÃO.

Israel Alves Ribeiro¹
Adenilton Tavares de Aguiar²

RESUMO

Este trabalho analisa o texto de João 14.16 – em que Jesus afirma a vinda de um “outro Consolador” que seria Seu Substituto – como uma ferramenta válida na defesa da divindade do Espírito Santo. Muitas correntes trinitárias, inclusive a adventista, aportam este dogma se embasando neste texto, não obstante a controvérsia em redor dele. Inicialmente, é relacionada uma lista de autores da erudição cristã que utilizam a abordagem tradicional, em seguida, porém, os especialistas no idioma grego e os críticos exegéticos são consultados para se verificar a fidedignidade da usual interpretação, e, finalmente, é apresentada a exegese dos textos bíblicos que podem solucionar a questão. A posição apresentada no texto busca clarificar a ideia de que a perícopes estudada tem importante função na defesa da divindade do Consolador unicamente como aporte a outros textos mais, já que muitas outras passagens sugerem a deidade do terceiro membro da Trindade, entretanto, a utilização isolada deste texto joanino, torna a discussão pobre e tendenciosa.

PALAVRAS-CHAVE: DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO. CONSOLADOR. *PARACLETOS*. *ALLOS*. *HETEROS*. TEOLOGIA JOANINA. INTERPRETAÇÃO. TRADIÇÃO.

ABSTRACT

This work analyses the text of John 14.16 – where Jesus affirms the arrival of an “another Consoler” that should be His successor – as a valid tool on the Consoler divinity defense. Many of the Trinitarian streams, include the Adventist, defend this principle with bases on this text in spite of the controversy around it. In first place, it has exposed a list of authors of the Christian erudition users of the traditional approach, then, the experts on the Greek idiom and exegetical critics are consulted to certificate the faithfulness of the usual interpretation, and, finally, its spread an exegesis of the biblical texts that could resolve the question. The position shown on the text intents clarify the idea of the biblical portion analyzed has important function on the Holy Spirit divinity defense only as a help to

1 Bacharelado em Teologia pelo SALT-IAENE/2013

2 Mestre em Ciência da Religião, Professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Orientador Específico.

others texts, because a lot of others verses suggest the deity of the Third member of the Trinity, but the separate use of this johannine makes the discussion poor and tendentious.

KEYWORDS: DIVINITY OF THE HOLY SPIRIT. CONSOLER. *PARACLETOS*. *ALLOS*. *HETEROS*. JOHANNINE THEOLOGY. INTERPRETATION. TRADITION.

INTRODUÇÃO

Compreender a Deus – esta é uma tarefa desafiadora, para não dizer pretenciosa. Como sondar os mistérios do Ser divino? A débil mente humana não se ofuscaria ante tamanha incógnita? E o que dizer, então, da complexa relação coexistente entre as Pessoas da Trindade? Seria muito mais aceitável anuir à famosa premissa ortodoxa oriental que reza a incapacidade do homem em dizer o que Deus é, e, por esta razão, o ser humano deve se limitar a especular o que o Altíssimo *não* é. Afinal de contas “palavras e pensamentos errados sobre ele podem [até mesmo] nos impedir de encontrá-lo” (SMAIL, 1994, p. 9).

Em toda a Escritura é possível notar fortes evidências da constante presença e atuação do Espírito Santo na vida do homem. Apesar de sua completa revelação dar-se somente após a ascensão de Cristo, sua influência no cumprimento dos desígnios divinos sempre foi uma realidade no mundo. Alguns autores, porém, destrincham este tema com mais clareza que outros, fazendo uso de termos importantes que acabam provendo uma melhor compreensão da natureza e função da terceira Pessoa da Trindade (CRISTIANINI, 1975).

Tendo isto em vista, o objeto de estudo desse trabalho será a teologia joanina, sobretudo, a declaração de Cristo com relação à chegada de *outro Consolador* (*Paracletos* – João 14.16) e a análise do termo grego “*allos*” neste e em outros relatos de João.

Desse modo, a exegese sempre foi uma significativa arma da hermenêutica em favor da correta interpretação das Escrituras. Muitas heresias e falsas doutrinas poderiam ser evitadas por meio da correta análise textual, histórica, cultural e contextual da perícopes em questão. O texto bíblico se apresenta ao leitor em diferentes línguas estrangeiras (grego, hebraico e aramaico) dentro de um quadro sociocultural completamente distinto do século XXI, e por esta razão, é necessário elucidar o verso segundo a mente do autor. Algumas palavras-chave, quando bem analisadas, exercem uma poderosa influência no texto, sendo decisivas até para a fundamentação de doutrinas.

A partir desta ideia, este estudo trata de uma das mais importantes doutrinas defendidas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia – A divindade do Espírito Santo. E muitas são as evidências bíblicas que abonam este essencial dogma do cristianismo. No entanto, um texto-chave em especial merece redobrada atenção devido à controvérsia exegética no meio erudito.

Nesse contexto, João, o apóstolo amado, escreve seu relato do ministério de Cristo usando de elevado teor teológico. Essa abordagem é perceptível logo no início de seu evangelho, ao fazer uma explanação acerca de nada menos que a complexa relação coexistente entre Deus e Jesus Cristo,

assim como Sua divindade e eternidade. Seu discurso não muda, ainda que implicitamente, quando se trata da personalidade e divindade do Espírito Santo.

No evangelho segundo João, Cristo faz uma declaração importante. Segundo Ele, Sua partida era necessária, mas o Pai enviaria como substituto, um *outro* Consolador. A natureza desta última Figura é definida pela correta interpretação desse termo (*outro*) nesta e em outras ocorrências dentro da literatura de João. Faz-se necessária, então, um estudo profundo das aparições do verbete, visto que importantes questões permeiam esse trecho das Escrituras, exercendo influência nesta e em outras doutrinas cristãs. Levando em conta a análise de todas as ocorrências literárias, a opinião de versados linguistas e comentários crítico-exegéticos, qual a correta interpretação do termo grego “*allos*” dentro da teologia joanina, principalmente no que diz respeito à defesa satisfatória da divindade do Espírito Santo?

METODOLOGIA

O presente ensaio será efetuado com base numa pesquisa bibliográfica, que se resume a um processo de acumulação sistemática de conteúdos cujo objetivo é gerar novos conhecimentos, corroborar ou rebater um conhecimento já existente. “Professores universitários, profissionais liberais e estudantes de nível superior dedicam parte considerável de seu tempo para a realização de pesquisas” (PEREIRA, 2012, p. 2). Nisto se vê a importância de uma pesquisa de qualidade.

As regras gramaticais do grego Koinê, os elementos contextuais das porções bíblicas em questão e o método histórico-gramatical de interpretação bíblica adotado pela IASD, orientado por uma visão historicista de estudo, possibilitaram uma aceitável exegese e, conseqüentemente, uma conclusão razoável do estudo.

Dentro desse trabalho as principais fontes foram acessadas via banco de dados do acervo bibliotecário, assim como materiais virtuais e online. As publicações dos eruditos adventistas e não adventistas também fizeram parte deste grupo de fontes. Sendo assim, o estudo partiu dos escritos dos pais da igreja, passando pela teologia moderna e alcançando as opiniões contemporâneas, no que se diz respeito à divindade do Espírito Santo.

INTERPRETAÇÃO TRADICIONAL

Muitas são as fontes bíblicas que induzem o leitor à existência da Santíssima Trindade. O evangelista Mateus, por exemplo, apresenta claramente as três Pessoas no afamado texto da “Grande Comissão”. Esta objetividade, porém, não se encontra em João. No entanto, o apóstolo amado, por meio de seus escritos de alto teor teológico, é aquele que, sem dúvida, mais nitidamente apresenta a divindade de Jesus Cristo, bem como a personalidade e natureza divina do Espírito Santo (RODOR, 2005).

Por esse motivo, boa parte das correntes trinitárias defende a divindade do Consolador

baseando-se na premissa aceita pela maioria em relação ao significado de “allos” como *outro de mesma espécie*, não obstante a escassez de recursos literários que abonem este pressuposto. Apesar de muitos utilizarem esta abordagem, faltam especialistas confirmando a ideia. Linguistas e comentaristas críticos precisam ser consultados para possibilitar uma conclusão positiva do assunto. Suas obras são imparciais, livres de apologia e tendências, por isso, a análise de suas opiniões é tão importante.

Desse modo, é feita nas seguintes linhas uma relação das principais ocorrências da tradicional interpretação de “allos”. Começando pela teologia adventista, com seus mais proeminentes autores, passando pelas demais correntes trinitárias, tradicionais e contemporâneas. Mediante este processo será exposto, de maneira objetiva, um resumo acerca desta concepção e suas implicações para a Pneumatologia e outras doutrinas que recebem direta influência a partir do significado deste termo.

Dentro dessa perspectiva, a Igreja Adventista do Sétimo Dia crê na divindade do Espírito Santo. Apoiar-se no fato de as Escrituras Lhe atribuírem características divinas e apresentarem os grandes atos de Deus contando com Sua participação. Deus executa Sua obra no coração dos indivíduos através do Espírito Criador. Assim, na encarnação, na criação e na recriação, o Espírito vem para tornar realidade as intenções de Deus. A análise e definição do significado de “allos”, que é determinante em João 14:16, é indispensável para a Pneumatologia. A teologia adventista, assim como os demais seguimentos trinitários definem o sentido deste vocábulo fazendo uma distinção entre os dois termos gregos usados para a palavra *outro* – “allos”, traduzido como *outro de mesma espécie* e “heteros” como sendo o equivalente a *outro de espécie diferente* (CRESS, 2008).

O Tratado de Teologia Adventista, que é o documento descritivo dos ensinamentos bíblicos fundamentais do corpo dogmático da igreja, na seção que trata da doutrina de Deus, ao defender a divindade do Espírito Santo, faz uso deste mesmo argumento na análise de “allos” dentro da declaração de Jesus sobre o “Paraklétos” – Consolador. Segundo o autor, o verbete grego, por si só, indicaria que o Espírito Santo é da mesma *espécie* que Cristo, sendo assim, tão Deus quanto o próprio Jesus (CANALE, 2011).

A mesma ideia é reiterada por outros teólogos adventistas da atualidade que também fazem uso do termo “allos” para abonarem a divindade do Espírito Santo dentro da teologia joanina. O Dr. Amin A. Rodor, por exemplo, num artigo publicado pela revista *Parousia*, utiliza do pressuposto geralmente aceito de que esta palavra tem significativa diferença em relação ao termo “heteros”, sendo sua equivalência, mais uma vez remetida a *outro de mesma espécie*, ou, *substância*. Mais uma vez a divindade do Consolador que seria enviado pelo Pai é assegurada com base nesta habitual exegese (RODOR, 2005).

A costumeira opinião ganha um forte endosso na argumentação do Dr. José Carlos Ramos contra uma heresia que tomava corpo dentro da igreja há alguns anos:

E quanto a Jesus? Reconheceu Ele a divindade do Espírito Santo? Bem, deixemos mais uma vez que Ele fale. Ele prometeu “outro Consolador” (Jo14:16). “Outro” pressupõe um Consolador prévio, o próprio Jesus, também identificado como *Parakletos* (1Jo 2:1).

Dois termos gregos são vertidos “outro” em nossas Bíblias: *allos* e *héteros*, o primeiro, empregado aqui, significando “outro da mesma espécie”, enquanto o segundo “outro de natureza diferente”. O prometido Consolador é Alguém tão divino quanto Jesus. Fosse Ele Gabriel, como querem os dissidentes, teria que ser classificado *héteros*, e não *allos*. (RAMOS, 2005, p.48).

Esta interpretação é ainda aceita por eminentes autores como o escritor carismático Thomas Smail, que descreve o termo em questão como “*allos Paraklétos* (...) do **mesmo tipo** que Jesus”. Smail afirma que o Espírito Santo é uma pessoa distinta de Jesus, possuindo pensamentos próprios e atitudes independentes, sendo, entretanto, da mesma natureza e essência, ou seja, Deus. Ainda afirma que os três possuem o mesmo propósito – a salvação do homem (SMAIL, 1994). Algo digno de nota é o fato de todos estes importantes teóricos da área defenderem este argumento com tanto afincamento apesar de existirem pouquíssimos linguistas, especialistas no grego Koiné, que é o idioma do Novo Testamento, dando bases a esta ideia.

O teólogo batista dispensacionalista Charles C. Ryrie segue pelo mesmo caminho declarando que o termo em análise, no contexto da afirmativa de Cristo ao dizer “outro Consolador” deve ser entendido como *outro de mesmo tipo*, ou seja, se Cristo é Deus, o Espírito Santo partilha da mesma natureza. Ele ainda destaca que este argumento é *decisivo* na pneumatologia (RYRIE, 2000).

O ponto otimista dentro deste dilema é a abundância de porções escriturísticas determinando claramente que o Espírito Santo é Deus. Se o texto de João 14:16 fosse a única alternativa em defesa da deidade da terceira Pessoa da Trindade, os pensadores trinitarianos enfrentariam sérios desafios na contra argumentação dos críticos desta doutrina.

Outro expoente da erudição eclesiástica, o teólogo presbiteriano Millard J. Erickson, em seu livro intitulado *Introdução à Teologia Sistemática*, afirma em acuradas palavras que o sentido do termo traduzido por “outro” é *outro de mesma espécie*. Uma vez que a afirmação de Jesus sobre a vinda do Consolador está associada à sua partida rumo aos céus, o enviado do Pai seria claramente Seu substituto. A obra desempenhada pelo *Paraklétos* deveria ser uma continuação do ministério de Jesus. Portanto, Sua natureza – do Espírito – seria também a mesma do Filho. Seriam um em essência e propósito. Segundo o autor, esta passagem deixa clara a personalidade do Espírito Santo, sendo também uma forte arma em defesa de Sua natureza divina, já que este é um tema bem explanado em sua obra (ERICKSON, 1992).

A lista de autores que utilizam desta abordagem segue num crescente. O teólogo Adventista Norman Gulley em seu afamado livro *Systematic Theology, God as Trinity* escreve:

A palavra grega para “outro” que precede “*parakleton*” é *allon* (mesmo tipo) ao passo que *heteros* (diferente de). Então, o Espírito Santo que foi prometido por Cristo é da mesma espécie que ele – Cristo – que os estava confortando (João 14:16, kjv). Logo, o Espírito é outro do mesmo tipo de Cristo; portanto, o Espírito pode ser Deus. (GULLEY, 2011, p. 399 – Tradução nossa).

Estes foram alguns dos exemplos numa infinidade de teóricos que fazem uso deste recurso em suas obras. Infelizmente, não é possível relacionar todos neste breve artigo. Mas alguns dos principais foram citados.

É possível notar a convicção com que todos estes célebres autores discorrem sobre o assunto. Mas algumas perguntas não se calam. Até que ponto é seguro confiar no tradicionalismo? Estariam estes e tantos outros escritores equivocados em suas aplicações simplesmente pelo fato de, em dado momento, alguém surgir com esta ideia e os demais, um a um, anuírem? A interpretação em análise constitui uma âncora no anteparo deste tão importante dogma. O leitor desavisado ou leigo tende a acatar esta concepção sem buscar as bases literárias, exegéticas e bibliográficas que poderiam facilmente resolver a questão. Como já foi dito anteriormente, a escassez de material lexical que aprove a tradicional significação de “*allos*” como *outro de mesma espécie*, em detrimento de “*heteros*” como *outro de espécie diferente*, apesar de muitos dicionários não fazerem esta diferenciação, exige uma análise de todas as ocorrências do termo e, pelo contexto de cada perícopo, descobrir o real intuito do autor em sua utilização. É igualmente importante recorrer a comentários críticos exegéticos, pois eles priorizam a análise neutra das palavras em lugar de fazerem uma apologia cega e tendenciosa para comprovar um fato que *pode* ser meramente fruto do tradicionalismo teológico. Este, portanto, será o conteúdo da seção seguinte.

OPINIÃO DOS ESPECIALISTAS

A tentativa de se advogar uma causa pode não raras vezes dispor de uma discussão tendenciosa. A imparcialidade é uma qualidade cada vez mais escassa dentro da apologia. No que respeita ao tema proposto neste trabalho, a argumentação neutra torna-se essencial. Por isso, o uso do material escrito por especialistas associado à análise das ocorrências do termo dentro do conteúdo produzido por João são conclusivos na resolução da questão.

Nessa perspectiva, os autores se dividem no que se refere ao usual significado atribuído a *allos*. Primeiramente são relacionadas as definições de alguns importantes dicionários teológicos.

Dando início à análise, o *Léxico do Novo Testamento: Grego – Português* do Dr. F. Wilbur Gingrich, define o verbete como “outro, diferente” e ainda afirma, “[...] é usado intercambiavelmente com *heteros*”, justamente o termo que os comentaristas acima tentam fazer distinção (2007, p. 17. Grifo nosso). Neste volume, o autor não faz uso de nenhuma diferenciação entre os termos *allos* e *heteros*, pelo contrário, afirma que ambos podem ser usados indiscriminadamente, haja vista que possuem o mesmo sentido (GINGRICH, 2007).

Em contrapartida, o Dr. Joaquim Azevedo, especialista em Línguas Bíblicas, teólogo adventista, em sua obra intitulada *Léxico Analítico do Grego do Novo Testamento*, o vocábulo é traduzido da seguinte forma: “*outro, um outro; uma outra* pessoa ou coisa **da mesma espécie** [...]” (2010, p. 17. Grifo nosso). Ainda na mesma obra, o termo *heteros* é vertido como: “*outro, diferente; outro de outra espécie, outro não idêntico ao que já foi falado antes [...]*” (2010, p.168). Neste caso, é percebido a

aplicação da interpretação habitual. Deve-se perguntar se a tendência de se empregar este raciocínio reside numa simples tradição originada em fontes incertas ou se, de fato, existem sólidas bases para esta prática (AZEVEDO, 2010).

Outro grande linguista, o Dr. William D. Mounce, em seu *Léxico Analítico do Novo Testamento: Grego*, define *allos* como: “*outro, um outro [...] os outros, o resto*”. (2013, p.72). Na explanação de *heteros*, não faz nenhuma diferenciação relacionada ao primeiro termo. Para Mounce, os vocábulos se equivalem, não devem, portanto, ser utilizados de forma determinante na fundamentação de uma doutrina (MOUNCE, 2013).

Dentro desta mesma perspectiva, o “*The New Interpreter’s Dictionary of The Bible*” não apresenta divergência entre os termos. Ainda deixa transparecer que a única função de “*allos*” no texto é indicar que Jesus foi o primeiro Paracletos e o Espírito, sendo enviado do Pai, seria o segundo. Este “*outro*” Consolador os acompanharia no cumprimento da missão designada pelo próprio Cristo (LEVISON, 2007).

Estes foram apenas alguns dos muitos dicionários do grego neo-testamentário reconhecidos atualmente como fidedignos. Não é possível citar outros mais já que tornaria este trabalho enfadonho. No entanto, existe uma controvérsia nesse tema. A opinião de comentaristas críticos, cujo método equitativo de escrita revela transparência e imparcialidade, também oferece importante contribuição para a conclusão desta pesquisa.

O comentarista luterano R. C. H. Lenski, quase que implicitamente, apoia a tradução de *allos* como *outro de mesma espécie* ao fazer um destaque na palavra “*outro*” dentro do texto de João 14.16 e afirmar que o *Paracletos* vindouro seria como Jesus, em sua obra intitulada *Interpretation of St. John’s Gospel* (LENSKI, 1959).

Esta ideia é ainda reiterada por outros escritores. O volume *Word Picture in the New Testament* ampara a divindade do Espírito Santo com base na diferenciação dos termos gregos para *outro* com as seguintes palavras:

Outro Consolador (allon Parakleton). Outro de mesma espécie (allon, não heteron), ao lado de Jesus que se torna o nosso Consolador, Ajudador, Advogado junto ao Pai. [...] Então, o cristão tem a Cristo como seu Paracletos junto ao Pai [...]. (ROBERTSON, 1960, v.5 p. 252. Tradução nossa).

Outros autores renomados fazem sua dissertação sobre o tema levando em conta a vinda, a obra e a personalidade do Espírito Santo como distinta da de Jesus, sem sequer analisar o significado dos termos *allos* e *heteros*. Muitos se mostram despreocupados com o assunto. Seja por desconhecimento da controvérsia, ou por mera indiferença em relação ao tema; simplesmente não dão crédito à discussão.

Comentários como o famoso *The Anchor Bible: the gospel according to John* apesar de dedicar

uma seção ao tema que o autor intitulou “*another Paraclete*”, ou “outro Paracletos”, não existe nenhuma consideração a favor ou contra a explanação usual dos termos (BROWN, 1986).

Outra fonte de grande importância é o livro “*A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*”. Por ser um trabalho de caráter crítico exegético, espera-se que o autor preserve seu conteúdo livre de qualquer conclusão tendenciosa. No decorrer de suas análises, os Drs. Bernard, McNeile e Hugh fazem uma exposição sobre o Paracletos. Eles afirmam que não obstante Jesus nunca chamar-se a Si mesmo de Paracletos, ao afirmar a vinda de “outro” Consolador, Se coloca na mesma posição de Advogado, Ajudador, Conselheiro, etc. Jesus Cristo foi o primeiro Paracletos, o Espírito Santo, o segundo. Uma pessoa completamente distinta do Redentor, com funções diferentes, mas com o mesmo objetivo de guiar os santos e promover o desenvolvimento da igreja de Deus (BERNARD, 1929). É muito interessante notar que nenhuma referência é feita ao já conhecido dilema envolvendo “allos” e “heteros”.

Numa perspectiva diferente, o *The Seventh-day Adventist Commentary* assegura que Jesus Cristo foi o primeiro Consolador que esteve com os discípulos. Ao partir, pediria ao Pai que enviasse um substituto. A natureza deste substituto é afirmada como a mesma de Cristo pela ênfase no termo *allos*, aplicando, mais uma vez a corriqueira análise textual (NICHOL, 1978).

Em seu famoso comentário *O Novo Testamento Traduzido*, Champlin diz: “O termo grego aqui traduzido por ‘outro’ é ‘allon’, e não ‘heteron’, e significa que o Espírito Santo é outro Ajudador, separado e distinto de Cristo, embora da mesma ‘espécie’” (1985, p. 529).

Ainda em apoio a este pensamento, surgem eminentes teólogos conservadores, como o autor do importante comentário denominado *Jewish New Testament Commentary*. Primeiramente, o teólogo faz uma análise exegética do termo *Paraklétos* relacionando seus possíveis significados: Confortador, Advogado, Conselheiro, Exortador, etc. Em seguida, estabelece que existem duas palavras no grego para ‘outro’ – ‘*allos*’ (‘outro para a mesma espécie’), e ‘*eteros*’ (‘outro para espécie diferente’). Aqui a palavra *allos* [significa]: um Consolador igual a Yeshua (STERN, 1996).

A lista continua a crescer. Este fato indica que a conclusão efetiva do problema ficará a critério da análise contextual de todas as ocorrências do termo dentro do material produzido pelo apóstolo. Cerca de cinquenta versículos envolvendo o evangelho segundo João e o livro de Apocalipse contêm a palavra “allos” inserida. Deve-se levar em conta que alguns destes versos não se enquadraram na pesquisa por causa de sua estrutura. Estes são descartados visto que não dão uma visão clara da intenção do discípulo em sua utilização. As opiniões dos autores se divergem continuamente, o que dificulta a resolução do impasse. Mas ainda é necessário citar mais alguns comentaristas para que haja relevância nesta pesquisa. A ideia inicial é o problema da escassez de material linguístico específico que valide a tradicional associação de *allos* a *outro de mesma espécie*. Haverá, porventura, um número significativo de peritos no idioma grego que use deste mesmo conceito? Ou alguém que, sendo o caso de um desuso da abordagem, pelo menos a cite, ainda que refutando. Já que até o momento, os teólogos que não fazem uso deste argumento sequer o mencionam, como já foi dito.

Um afamado tomo da literatura cristã é o “*The Gospel According John*”. Nesta produção, o

escritor se esforça para ser neutro na discussão. Ele não afirma categoricamente sua posição em relação ao problema, mas declara que *alguns deduzem* o significado de “allon” nesta passagem como “outro do mesmo tipo”. Em seguida, porém, o autor salienta que o simples uso desse termo por João não permite ao leitor atribuir igualdade entre a natureza de Jesus e do Espírito Santo. Ou seja, não é possível fazer uma defesa da divindade do Espírito apoiando-se unicamente neste texto. Segundo ele não existem provas exegéticas que confirmem a usual figuração do termo. Diferentemente dos outros autores até agora consultados, este não se mantém em silêncio. Ao contrário disso, ele põe em cheque a tradicional interpretação hermenêutica colocando em dúvida a eficiência deste texto na defesa dogmática (CARSON, 1991).

O debate continua com o parecer do *Clarke's Commentary: John*. O autor faz algumas declarações concernentes às funções do Espírito Santo. Afirma que Ele é chamado de Paracletos porque realiza a causa de Deus e de Cristo conosco, nos explica a natureza e importância da grande expiação, nos mostra a necessidade dela, justifica nosso direito de tê-la, nos aconselha a recebê-la, nos instrui a como lançar mão dela, entre outras coisas. Observa-se, porém, uma ausência de qualquer análise ou referência à divindade do Paracletos mediante declarações sobre “allos”. Mais um autor que se cala frente esse enigma teológico (CLARKE, 1999).

Nessa mesma direção segue o *Baker Exegetical Commentary on the New Testament: John*. Em sua exposição sobre João 14:16, o autor assegura que o termo “allos” indica simplesmente a presença do Espírito Santo com os discípulos substituindo o encorajamento e o fortalecimento da presença de Jesus. Esta abordagem, contudo, não abre espaço para um anteparo doutrinário. O estudo leva o leitor a entender a necessidade da partida de Cristo e a eminência da vinda do Consolador como uma pessoa distinta de Jesus, e nada mais (BAKER, 1953).

Uma infinidade de comentaristas e exegetas poderiam ainda ser citados dentro desta pesquisa. Seria, porém, redundante, sendo que não foi possível encontrar uma conclusão baseado nas obras atuais. É possível que a questão continuasse sem solução ainda que todos os eruditos da área dessem seu parecer.

A pergunta permanece sem resposta. A utilização desse termo na fundamentação de tão indispensável doutrina é válida? Se não, por qual razão os autores que dela não fazem uso – com exceção de apenas um – sequer a mencionam? Para que haja, de fato, uma discussão, duas exigências mínimas devem ser satisfeitas: alguém deve defender e outro refutar. Se isso não foi possível, é necessário partir para o último estágio desta pesquisa – a análise textual das ocorrências. Este é, portanto, o conteúdo da próxima seção.

ESTUDO DAS OCORRÊNCIAS BÍBLICAS

No início deste trabalho foi referida a importância da exegese. Como poderoso meio de aprofundamento nos textos sagrados, este método de investigação pode dissolver inúmeras dificuldades na compreensão das Sagradas Escrituras.

Nesse aspecto, os passos que conduzem o estudante da Bíblia a uma boa exegese são diversos e sistemáticos. Apesar de o trabalho ser, muitas vezes, árduo e repetitivo, após diligentes esforços, os resultados aparecem. Dentre as várias etapas da exegese está a análise contextual do versículo Bíblico. Quando o simples significado lexical de um termo no idioma canônico não é suficiente para elucidar o versículo segundo a mente do autor, o estudo do contexto possibilitará o entendimento do assunto (REID, 2007).

Por esta razão, foram destacadas e analisadas todas as porções bíblicas onde o apóstolo João emprega o termo *allos* dentro de seu conteúdo escriturístico. João faz uso do vocábulo em cinquenta versos, dentro, logicamente, de seu evangelho e no livro de Apocalipse. Nas três epístolas universais (I, II e III João), por razões não conhecidas, o autor não faz uso da palavra.

Para que o resultado da investigação textual seja legítimo, são necessários pelos menos dois passos: primeiramente deve-se fazer uma separação entre os dois termos com os quais, a palavra traduzida por “outro” se relaciona. Em seguida, sugere-se uma inquirição se os dois elementos são de mesma espécie ou não.

Por exemplo, no evangelho de João (4.37) lê-se: “[...] Um é o semeador, e outro é o ceifeiro.” Aqui é notável a associação que Jesus faz entre os dois elementos: o semeador e o ceifeiro. Apesar de Sua parábola se remeter a uma lição completamente missional, no que diz respeito à iminência de se colher os frutos da seara do Senhor, o Mestre faz alusão a um ditado popular que emprega dois indivíduos muito bem conhecidos entre os ouvintes (BARCLAY, 1984). Analisando esta primeira ocorrência de *allos* para “outro”, deve-se comparar o “seeador” com o “ceifeiro” e verificar se são da mesma espécie, ou tipo. Não obstante a proposital diferenciação entre funções dos indivíduos – algo que, nesse caso, dá sentido à frase – Jesus se refere indubitavelmente a dois seres humanos. É lógico e evidente que partilham da mesma natureza, ou espécie.

Nesse mesmo pensamento, ainda dentro do evangelho, encontra-se a seguinte afirmação: “Ainda tenho *outras* ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; [...]”. (Jo 10.16. Grifo nosso). Claramente, o Senhor faz uma alusão à costumeira profissão de pastor de ovelhas para afirmar que Ele é o “Bom Pastor” (Jo 10.11). Em sua aplicação, seus servos são as ovelhas por Ele guiadas. Outras ovelhas, porém, estão longe do rebanho. Finalizando a declaração, o Mestre se propõe a resgatar estas ovelhas para que elas também sejam conduzidas por Seus ensinamentos. Não há dúvidas de que o termo “outro” está relacionado a dois elementos: ovelhas (da casa de Israel) e ovelhas (dos povos gentios). Ambos os grupos representados pela mesma espécie de animal – ovelha.

É possível encontrar um considerável número de textos que possuem esta mesma estrutura (João 4.38; 5.7; 6.22; 6.23; 7.12; 7.41; 9.9; 9.16). Observam-se igualmente, dentro da literatura apocalíptica, passagens construídas da mesma maneira. Por exemplo, numa das suas visões, o apóstolo revela: “E saiu outro cavalo [...]” (Ap 6.4). Nesta passagem, João faz menção de um “outro cavalo” num contexto em que já havia sido citado um animal do mesmo tipo. Mais uma vez, o autor fala de elementos que possuem características diferentes, representações distintas, mas que não deixam de possuir semelhante espécie. Este raciocínio se repete em muitas outras passagens da Revelação,

principalmente quando trata dos constantes anjos e mensageiros que aparecem nas visões e o apóstolo repete várias vezes: “Viu-se outro anjo”, ou algo semelhante. É possível relacionar trechos como: Apocalipse 7.2; 8.3; 10.1; 14.6; 14.8; 14.9; 14.15; 14.17; 14.18; 18.1; entre outras. Nestes e em outros muitos versos, percebe-se nitidamente o uso do termo versado como “outro” para pessoas, objetos, lugares, animais, atividades, enfim, elementos, todos de mesma espécie ou natureza.

A dificuldade de se contextualizar este conceito reside no fato de existirem na Língua Portuguesa, palavras e expressões semelhantes em significado para exprimir a ideia de “outro”, tais como: *distinto, diverso, seguinte, posterior, imediato, diferente, algo que não é o mesmo, mais um, ulterior*, etc. Todos estes vocábulos e expressões significam, indistintamente, “outro”, sem necessariamente figurar se é outro de mesma espécie ou não. Se João escreveu utilizando *allos* de maneira consciente, intencional, é difícil afirmar. No entanto, outro grupo de passagens pode ainda aguçar um pouco a curiosidade diante desse assunto.

O evangelista relata uma ocasião em que os líderes judaicos, dada a sua incredulidade, começaram a rejeitar abertamente as declarações de Jesus. Segundo eles, o rabi deveria ter alguém que testemunhasse a favor de suas afirmações para que elas fossem creditadas. Diante desta exigência, o Mestre respondeu: “*Outro* é o que testifica a meu respeito, e sei que é verdadeiro o testemunho que ele dá de mim” (Jo 5.32. Grifo nosso). Uma interessante observação a se fazer relativamente a este trecho é a sua semelhança com o verso analisado neste trabalho. Jesus se refere a “outro” como alguém que testifica de suas prerrogativas. Quem é, então, este outro? Grandes comentaristas, como Wycliffe, Boor, Matthew Henry, asseguram que esta Testemunha a quem Jesus invoca é Deus Pai. Da mesma maneira como Cristo se refere ao Consolador por meio de *allos*, o que sugere, segundo a tradicional interpretação, a semelhança entre Suas naturezas, aqui Jesus faz alusão ao Pai usando *allos*. Será este mais um argumento em favor da usual formulação deste conceito? Tem sentido servir-se deste texto como uma evidência determinante para se advogar a deidade do *Paracletos*? Alguns problemas impedem esta abordagem (WYCLIFFE, 1962; BOOR, 2002; HENRY, 1706).

Primeiramente, a quantidade de textos contendo esta estrutura é, estatisticamente, insuficiente. No meio de cinquenta versículos em que o termo *allos* é versado por João, apenas um – com exceção do trecho analisado nesta pesquisa – possui a ideia de Cristo se referindo a um Componente da Trindade como, possivelmente, partilhando de Sua natureza. Isso torna inviável a conclusão da divindade do Consolador – baseado unicamente neste argumento – visto que faltam dados para serem coletados, destrinchados e interpretados quanto à frequência para, assim, se estabelecer uma lei que os rege.

Em segundo lugar, a falta de clareza por parte do autor na utilização do termo. Muitos dos versículos analisados não possuem uma indicação precisa da intenção do apóstolo no emprego da expressão. Parece que João não aplica muita diligência na escolha do vocábulo. Pelo contrário, ele utiliza *allos* de maneira tão corriqueira que, aparentemente, não há nada de especial na palavra. Geralmente, nas Escrituras, um termo muito especial, ou decisivo, para uma ideia é utilizado quase que estritamente para apontar esta ideia. Um exemplo é a palavra *Paracletos* que aparece poucas vezes na Bíblia, e quase sempre para evocar o mesmo raciocínio. Esse não é o caso de *allos*.

Por último, como já foi mencionado, a dificuldade de associação na tradução para idiomas que não possuem essa suposta diferenciação entre palavras que expressem o sentido de “outro”. Na mente do leitor falante de uma língua com estas características, torna-se quase que impossível fazer uma associação direta à hipotética significação de *allos* em seu idioma nativo. O que dificulta o entendimento desta construção linguística.

CONCLUSÃO

Após toda esta pesquisa, algumas perguntas foram respondidas, outras não. Os autores não chegam a um consenso em relação ao tema. Uns apoiam, outros a contestam, e a maioria sequer cita a problemática. Isso limitou a conclusão do trabalho unicamente ao contexto das citações de João dentro de sua produção literária. Ainda assim, é preciso ponderar alguns fatos.

Embora o estudo até aqui realizado tenha sido feito a partir de todas as aparições do termo grego *allos*, alguns fatores, conforme já visto, dificultam a conclusão. Os textos bíblicos em que João emprega o vocábulo são cinquenta. Todos eles foram analisados em seu contexto, o que resulta num fechamento parcial da questão. Na grande maioria das passagens o discípulo amado parece apoiar a argumentação tradicional, em outras, porém, ele parece não se importar com a ideia.

O fato de João, aparentemente, não utilizar *allos* como “outro de espécie diferente” – o que contradiria a opinião adventista e de outras correntes trinitárias – significa uma comprovação da teoria tradicional? Se não, isso nega a divindade do Espírito Santo?

Bem, a interpretação usual não pode ser abonada simplesmente pela não utilização do termo num sentido contrário. Algumas exigências, já citadas no fim da terceira seção, deveriam ser satisfeitas, o que não acontece. Então, se isso ocorre, a doutrina da igualdade natural entre Jesus e o Consolador é negada? Absolutamente não! Como já foi abordado neste artigo, existe um número significativo de textos que apontam claramente a divindade e a personalidade do Espírito Santo. Se a única indicação fosse a de João 14.16, haveria um insolúvel problema para se amparar este preceito.

Como método de dissolução desse impasse se poderia sugerir um estudo exaustivo da etimologia da palavra. Esta possível solução desfaria todas as dúvidas? Dificilmente.

Não se deve atribuir significado a uma palavra meramente por seu sentido etimológico e lexical. Afinal de contas, o que, determina este significado, em primeiro plano, é o contexto em que ela está inserida. Isso sem levar em conta o fato de as palavras se transformarem e mudarem de sentido com o passar dos anos (PIRES, 2009).

Sendo que a teoria, até o momento, não está comprovada, qual deveria ser a utilização deste versículo na defesa da divindade do *Paracletos* e a posição da igreja em relação ao assunto? As verdades bíblicas devem ser apresentadas com clareza e competência. As pessoas se impressionavam com a maneira de Jesus pregar, pois seus ensinamentos não eram como o dos fariseus e escribas, mas Ele pregava “como tendo autoridade” (Mt 7.29).

Logo, se não existe uma base sólida para a utilização desta abordagem, não existe autoridade,

portanto, ela não deveria ser empregada como fator determinante. Sua aplicação **junto a outros textos** poderia ser de bom proveito, mas usar esta interpretação como ponto conclusivo torna a argumentação pobre e insuficiente.

REFERÊNCIAS

BARCLAY, W. **El Nuevo Testamento**. Buenos Aires: Asociación Ediciones La Aurora, 1984

BERNARD, J. H.: McNeile, Alan Hugh (Hrsg.): **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John**. New York: C. Scribner' Sons, 1929

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

BOOR, Werner. **Comentário Esperança: Evangelho de João**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

BROWN, E. Raymond. **The Anchor Bible: The Gospel According to John**. Garden City, New York: Doubleday & Company, Inc., 1986.

CANALE, Fernando. **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

CARSON, D. A.: **The Gospel According to John**. Leicester, England; Grand Rapids, Mich.: Inter-Varsity Press; W.B. Eerdmans, 1991.

CHAMPLIN, N. Russel. **O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Milenium, 1985.

CLARKE, Adam: **Clarke's Commentary: John**. Electronic ed. Albany, OR: Ages Software, 1999

CRESS, James. et al. **Nisto Cremos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

CRISTIANINI, Arnaldo. **Radiografia do Jeovismo**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento: Grego – Português**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GULLEY, Norman. **Systematic Theology, God as Trinity**. Barrien Spring, Michigan: Andrews University Press, 2011.

HENRY, Matthew. **Matthew Henry's commentary: on the whole bible**. London and Edinburgh: Fleming H, 1706.

LENSKI, R. C. H. **Interpretation of St. John Gospel**. Columbus, Ohio: The Wartburg Press, 1959.

LEVISON, R. John. **The New Interpreter's Dictionary of The Bible**. Nashville: Abingdon Press, 2007.

MILLARD, Erickson. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Editora Vida Nova, 1992.

MOUNCE, D. William. **Léxico Analítico do Novo Testamento: Grego**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

NETO, Azevedo Joaquim; COSTA, S. S. Isael. **Léxico Analítico do Grego do Novo Testamento**. Cachoeira: CePLIB, 2010.

NICHOL, Francis D.: **The Seventh-day Adventist Bible Commentary: The Holy Bible With Exegetical and Expository Comment**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1978.

PEREIRA, G. Maurício. **Artigos Científicos: Como redigir, publicar e avaliar**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

PIRES, F. M. Luis. **Controle Judicial da Discricionariedade Administrativa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

RAMOS, José Carlos. **Revista Parousia**. São Paulo: UNASPRESS, 2005.

REID, W. George. **Compreendendo as Escrituras**. São Paulo: UNASPRESS, 2007.

ROBERTSON, Archibald Thomas. **Word Picture in the New Testament**. Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1960.

RODOR, Amin. O Espírito-Parakléto no quarto Evangelho. **Revista Parousia**. São Paulo: UNASPRESS, 2005.

RYRIE, C. Charles. **Teologia Básica, ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2000.

SMAIL, Tom. **A Pessoa do Espírito Santo**. São Paulo: Loyola, 1994.

Stern, David H.: **Jewish New Testament Commentary: A Companion Volume to the Jewish New Testament**. Electronic ed. Clarksville: Jewish New Testament Publications, 1996.

WICLIFFE, J. **Wycliffe Bible Commentary**. Chicago: Moody Press, 1962.